

ENTREVISTA ROBERTO BERLINER

Por que filmar a história destas 3 mulheres?

Muitas coisas nos levam a fazer um filme, esse é o nosso ofício. Estou sempre em busca de temas que considero relevantes. Não quero fazer cinema para ocupar meu tempo. Quero falar de coisas diferentes de maneiras diferentes. Questionar o poder da mídia. Durante anos trabalhei com publicidade. Anunciei vários tipos de produtos. Quando encontrei Maria, Regina e Conceição me vi diante da essência do que quero fazer: falar de gente. Provar que existe vida inteligente na miséria e na ignorância. Quis mostrar que se você der atenção, essas três mulheres são sensacionais. Inteligentes, charmosas e até bonitas. Durante anos o cinema trabalhou para os ricos e famosos. Toda indústria da mídia está a serviço do grande capital. Subverter os valores dessa mídia é meu desejo. Fiz esse filme porque acredito que seja possível fazer um cinema pobre, barato, documental, criativo, etc... Fiz esse trabalho para ocupar meu tempo de maneira proveitosa.

Conheci as 3 irmãs durante as filmagens do Som da Rua, uma série para televisão (que deverá ir ao ar no Fantástico agora). Quando as conheci tive tempo de conversar com elas por mais de uma hora, enquanto a produção providenciava ganzás para que elas pudessem tocar. Esse 1º papo encantou a mim e a toda equipe. De uma primeira impressão estranha, até de repúdio, veio esse encantamento. O Som da Rua é um projeto que pretende botar na mídia grandes valores da música que não tiveram a sorte de acontecer na mídia, são talentos que ficaram a margem. Ao fazer os programas, quis dar importância ao talento desses músicos. Com as ceguinhas aconteceu uma aproximação maior e um caso de amor. Além disso, o desafio de fazer um filme com cegas, o próprio fato de filmar gente que não tem poder sobre as suas próprias imagens, é um paradoxo para quem faz filmes. Acho que no fundo, todos os personagens de um documentário são um pouco cegos porque não conseguem controlar suas próprias atuações.

A IDÉIA INICIAL DO PROJETO ERA UM CURTA (ESTOU CERTA?) o que lhe motivou a transformar em um longa?

Começamos com o Som da Rua, depois veio o curta, mas antes de terminá-lo já queria fazer o longa. Só não tinha dinheiro para isso, então fomos fazendo aos poucos entre um comercial e outro. O tempo - foram quase sete anos de filmagem. Isso foi fundamental para que o filme se transformasse no que é. O tempo, as transformações, a aproximação, a cumplicidade entre personagens e equipe... o filme é resultado disso.

Como é ficar envolvido com estas personagens durante tanto tempo? Aprendi muito, mudei muito. É um envolvimento sem precedentes na minha vida.

Elas fazem parte da sua vida hoje?

Sim.

Você se sente um pouco responsável por ter mexido na vida delas?

Sim. Mas eu também mudei por causa delas. Elas sempre tiveram a consciência de que o filme iria mexer com a vida delas e eu também, só não tínhamos certeza de como e quanto iríamos mudar com o filme. O filme fala sobre esses limites.

Como é ser diretor e personagem do seu próprio filme?

É estranho, muito estranho. Aconteceu porque se tornou inevitável. Não é uma posição confortável. Estou acostumado a interagir de forma a lançar questões e situações para os personagens dos documentários que faço, quando passei a viver as situações do filme junto com elas, claro que passei por um grande desconforto mas o pior foi na ilha quando percebi que aquilo tudo poderia ficar dentro do filme. Num 1º momento fui contra, depois resolvi deixar que aparecesse tudo. Depois, com o tempo, fui tirando tudo aquilo que não considerava importante. Nunca havia aparecido antes, dessa vez aconteceu por influência e pressão da equipe que estava mais

próxima da edição.

Você acha que tem espaço para documentário no mercado brasileiro hoje?

Claro que acho. Acontece que o documentário durante anos ficou estigmatizado como um gênero chato. Lembro dos documentários que passavam na minha escola, eram quase todos horrorosos. Lembro também dos curtas documentais que passavam nos cinemas numa época em que o curta era obrigatório, a gente viaava muito e eu tinha a nítida impressão de que faziam filmes ruins de propósito, como se quisessem nos convencer de que aquela lei era um absurdo. Acho que só a quantidade de bons documentários pode trazer o público para o cinema, é um trabalho lento, espero ver os documentários disputando público com os filmes de ficção. Não tenho a menor dúvida de que isso vai acontecer. Acho que o cinema está passando por uma transformação muito grande, faz-se filmes bons em todos os lugares do mundo. Essa diversidade que se criou com o barateamento dos equipamentos, ainda não atingiu as grandes distribuidoras que controlam o que se vê nos cinemas do mundo inteiro. É muito poder na mão de poucos. É uma pena.

Aonde você acha que o filme mais tocará o espectador?

É difícil dizer. Cada um vê uma coisa e um significado. Muitas vezes a gente faz coisas que considera sensacionais dentro de um filme e as pessoas nem percebem, acabam por gostar de outras que eu nem considerava muito importantes... de qq maneira acho que o filme vai tocar as pessoas que reclamam da vida.

Vivemos um momento de valorização da celebridade, apesar de sabermos do efeito efêmero dela e você as transformou em celebridades. Como é isso?

É um dos pontos de partida do filme e de projetos como o "Som da rua". Mostrar que existe gente muito bacana em todos os lugares e que é preciso olhar em volta com um pouco mais de boa vontade. A classe média se enjaulou, os espaços públicos deixaram de ser

frequentados pelos que têm dinheiro. Estes se tornaram pessoas medrosas, agarradas aos bens que conseguiram acumular e com um monte de doenças que adquiriram junto com os bens. Por isso já não conseguem olhar pela janela do carro com tranquilidade. A janela da classe média é a TV e o cinema dos shoppings. Eles decidem quem e o que é bom. Os políticos são podres, a polícia é podre. É preciso acabar com as fronteiras, é preciso fazer as pazes entre os ricos e os pobres, só assim essa guerra vai acabar. No dia em que a classe média puder subir os morros não para comprar drogas mas para tentar fazer daqueles lugares e daquelas pessoas, gente com possibilidades de viver com alguma dignidade sem ser exceção.

Qual a diferença de fazer um documentário com os personagens vivos?

A diferença é q v pode conversar com os personagens.

Há alguma pitada de ficção?

Sim, muitas. Muitas cenas no filme foram propostas por mim. Essas cenas ilustram sensações do que acontece no filme. O filme está sempre no limite. Em geral os documentários mantêm uma distância dos personagens, no nosso caso, nos tornamos cúmplices. De alguma maneira, elas sabiam o que estavam fazendo e se interessaram em ir em frente.

Como você vê hoje a participação do Gil no filme, pois quando foi filmado ainda não era ministro? Você acha que é um dever político inserir o deficiente na sociedade? O que o ministro da cultura poderia fazer hoje para ajudar de fato?

O Gil teve uma participação totalmente espontânea, fez uma música para elas sem que ninguém pedisse. Acho que o Gil trabalha muito com a emoção e ele se emocionou com elas. Nos mantivemos sempre a distância de todos no Percpan. A gente queria filma-las e não as estrelas. Gil foi sensacional. Ele fez o que achava que devia fazer. Com relação ao dever político de inserir os deficientes na sociedade, concordo plenamente. Temos que fazer isso com todos os

excluídos, certamente todos vão se enriquecer com isso.

Roberto, documentários geralmente são filmes previsíveis. Por que isso não acontece com "A Pessoa..?"

Eu não concordo com isso. Tenho visto documentários maravilhosos, de todas as partes do mundo. Edifício Master, Notícias de um guerra particular, Tiros em Colombine, The Corporation, Super size me... São filmes criativos, inventivos, surpreendentes. Com relação ao meu filme, acho que ele não é previsível porque o tempo e a maneira sempre aberta com que filmo, vai deixando espaços para as surpresas.

Você acha que o filme realmente vai mudar a visão que as pessoas têm da vida? Em quê?

Espero que sim. Eu sempre que vou ao cinema vou pensando em aprender. Eu não quis fazer mais um filme. Tinha a pretensão de fazer algo diferente, inusitado, que fizesse as pessoas pensarem. Não sei o que o filme passa para cada um mas aí está o melhor que consegui.

Pelo que sabemos, a vida das três irmãs que protagonizam o filme ainda continua cheia de reviravoltas. Volta e meia, elas ligam dando notícias ou pedindo conselhos para você. Esse filme nunca termina?

Acho que os documentários falam de um momento. No nosso caso, a vontade que tenho é de seguir filmando porque tanta coisa continua acontecendo com elas. É a vida e a gente tem que estar aberto para novas possibilidades sempre. A cada dia, a cada papo, a gente vai se fazendo, se transformando no que somos. Esse é o lado maravilhoso do documentário, o inesperado. E com ele, ninguém pode. Por isso é bom estar sempre.

Roberto, na sua opinião, a pessoa é para o que nasce?

É uma verdade incontestável. Mas a gente tem que fazer aquilo que acredita. Isso faz a gente ser o que é.